



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CRIANÇAS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS: DIFERENTES MODOS DE VIVER A INFÂNCIA

Elaine de Paula
Universidade Federal de Santa Catarina
naniidepaula@hotmail.com

Preâmbulo

O trabalho aqui proposto é resultado de uma investigação de doutorado em andamento. Esta investigação tem como motivação central procurar compreender o lugar ocupado pelas crianças em diferentes contextos sociais, em especial, contextos indígenas e quilombolas do interior do estado de Santa Catarina. A investigação tem tomado como análise as práticas educativas, institucionalizadas ou não, entre crianças (relações entre pares) e entre crianças e adultos, especialmente as formas de expressão das crianças diante das informações, normas e regras de sociabilidade que estabelecem com os adultos e com outras crianças das comunidades. Busco assim, compreender, nessas comunidades, quais práticas sociais e culturais são estabelecidas com as crianças e qual a participação delas nos espaços coletivos com o intuito de qualificar a investigação das relações que são empreendidas com as crianças nos espaços educativos institucionalizados.

Entendo que quanto menor as crianças e quanto mais vivam em comunidades longínquas mais as desconhecemos e, portanto, mais desconsideradas são nos aspectos referentes às capacidades de dizer de si mesmas e no reconhecimento das suas especificidades nos processos sociais que as determinam.

A fim de apreender os diferentes aspectos do que ocorre no ambiente de investigação e obter a compreensão do fenômeno em sua totalidade, decidi realizar uma pesquisa de cunho qualitativo inspirada nos estudos de tipo etnográfico. E como forma de alcançar os objetivos previstos, está sendo utilizado diferentes estratégias: registro escrito, registro fonográfico, registro fotográfico e produção gráfica das crianças.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A perspectiva teórica principal direciona-se para os estudos recentes da Antropologia da Criança e da Sociologia da Infância que consideram as crianças como atores sociais de direito pleno, sujeitos competentes para dizer de si mesmos.

Tenho a convicção de que conhecer melhor as relações estabelecidas entre os adultos e as crianças e entre as próprias crianças, poderá contribuir para a organização de práticas educativas que considerem também os conhecimentos e jeitos de ser do ‘outro’, tanto do “outro” adulto como do “outro” criança. Para tanto, a investigação necessariamente deve diversificar o olhar, incluindo aqui outros espaços sociais e temporalidades que tragam talvez, por meio de uma perspectiva intercultural, novas concepções sobre a infância e novas percepções sobre as especificidades deste recorte geracional. Quem sabe assim conseguimos favorecer uma educação mais conseqüente numa dimensão emancipatória e que, na crítica aos cânones modernos ainda fortemente marcados na contemporaneidade, leve em conta o que esse outro tem a dizer, orientando uma educação feita com as crianças e não apenas para as crianças.

Introdução

Dia 19 de abril. A professora anuncia às crianças que aquele dia comemora-se o dia do índio. As crianças a olham sem falar nada. A professora continua e propõe a confecção de um cocar com cartolina. Recorta figuras que simulam penas e distribui às crianças para que elas pintem. Em seguida fixa as ‘penas’ em uma faixa de cartolina e coloca na cabeça das crianças. A professora sugere a canção do indiozinho: 1,2,3,indiozinho e em seguida sai correndo com as crianças batendo a mão na boca e fazendo uh-uh-uh-uh-uh. Pede logo após para as crianças sentarem e como forma de se acalmar pede que as crianças sentem-se com ‘perninhas de índio’ e que ‘meditem’ como índio. As crianças entenderam que era para cruzar as pernas, porém, não parecem ter entendido o que significava a meditação. Com a insistência para que as crianças meditassem, uma das eleva os dois braços para o alto e grita “aleluia irmão!”.
(Registro de Campo: dia 19 de abril de 2011)

A referência do exposto neste trabalho é resultado de uma pesquisa de doutorado em andamento que tem como mote as práticas educativas desenvolvidas em contextos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

institucionais de educação, em especial, em salas de Educação Infantil¹, mas também fora deles, nas comunidade em que essas instituições se inserem ou estão próximas. Trata-se, mais especificamente, de contextos situados nas periferias² indígenas e quilombolas. Entre as crianças e os adultos envolvidos nesta pesquisa, procura-se evidenciar, principalmente, o olhar das crianças. Compõem este recorte crianças entre 3 a 5 anos de idade.

Não obstante as crianças existam desde sempre, a infância, admite-se, é uma invenção da Modernidade. Uma invenção que tem se pautado pelo viés da negação. Já na etimologia do termo infância (sem fala), revela-se uma concepção das crianças como seres destituídos de racionalidade.

Ao longo do processo de instituição e consolidação do projeto cultural e social da Modernidade têm se acumulado práticas e relações que subordinam a participação das crianças ao imperativo da proteção e do cuidado. Presas nas teias destas concepções e práticas torna-se muito difícil, a elas, estabelecer um exercício de autonomia que não seja, quase que totalmente, outorgada.

¹ Estou realizando a pesquisa em duas escolas de ensino fundamental que atendem, cada uma dessas escolas, um grupo de crianças da educação infantil com a faixa etária de 4 a 5 anos. Ambos os espaços estão próximos a duas comunidades quilombolas. Uma delas atende 4 crianças na educação infantil e a outra 3 crianças no período vespertino. Já a aldeia Indígena possui uma instituição própria de educação infantil e atende em torno de 15 crianças de 3 a 5 anos de idade em período integral.

² O termo periférico surge em oposição ao termo central, numa dualidade que talvez pressuponha que essa condição corresponda à ilegitimidade ou à legitimidade, respectivamente. No Brasil, historicamente, não se formou uma tradição de valorização das diferentes culturas e das pessoas, ao contrario, a história do Brasil é marcada por violações de direitos, a começar pela invasão das terras e colonização, gerando escravidão, humilhação e exploração. Na atualidade, o racismo, o autoritarismo e o elitismo perpetuam uma história de exclusão e de violência, muito embora ainda se insista no mito da democracia racial e da igualdade de direitos, marcando também uma parcela ainda maior da sociedade, os 'favelados', sem terra, indígenas e quilombolas e os excluídos por considerá-los desnecessários e descartáveis a atual e imposta ordem social dos grandes centros urbanos. Com receio do caos e da desestabilização da ordem essa camada da sociedade é "empurrada" para as margens da sociedade, para a periferia, reforçando o processo de exclusão e de sonegação de seus direitos básicos de cidadania. No entanto, se de um lado o agigantamento da ordem central parece aniquilar a periferia, de outro lado, há, nessa mesma periferia, uma composição de sujeitos com uma ilimitada capacidade de recriar e reinventar esse espaço e essa sociedade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Este viés de subordinação e de pouca relevância social atribuído às crianças reflete-se também no campo da produção teórica sobre elas e suas infâncias. A referência à infância inclui-se, amiúde, subordinada a outras instituições sociais como, por exemplo, a família e a escola. Tal processo de valoração que não reconhece, no outro, competências para dizer de si mesmo, suas dúvidas, problemas e soluções, é, em minha opinião, um dos mais fortes traços do projeto da Modernidade o qual acabou por contaminar todas as relações estabelecidas entre os seres humanos solidamente enredados nas teias da Globalização contemporânea. Contamina não apenas as relações sociais, mas também a consciência que se constrói, nos sujeitos, acerca delas.

Por isso, tenho a convicção de que conhecer melhor as relações estabelecidas entre os adultos e as crianças e entre as próprias crianças, poderá contribuir para a organização de práticas educativas que considerem também os conhecimentos e jeitos de ser do 'outro', tanto do "outro" adulto como do "outro" criança. Para tanto, a investigação deve diversificar o olhar, incluindo aqui outros espaços sociais e temporalidades que tragam, talvez, novas concepções sobre a infância e novas percepções sobre as especificidades deste recorte geracional. Quem sabe assim consigamos favorecer uma educação que, na crítica aos cânones modernos ainda fortemente marcados na contemporaneidade, leve em conta o que esse outro tem a dizer, orientando uma educação feita *com* as crianças e não apenas *para* as crianças.

II “*Esse me entende, até que enfim!*”³. De quais infâncias fazemos referência?

“E aquilo que nesse momento se revelará aos povos surpreenderá a todos, não por ser exótico,

³Expressão de uma criança de 4 anos ao ter seu desenho reconhecido por um único colega da sua turma de educação infantil - A professora pede que as crianças desenhem uma fruta em folhas de papel, uma das crianças, Raíssa, começa a desenhar um cacho de uva, no entanto, as crianças que vão passando por ela a acusam de não estar desenhando fruta alguma, mas apenas 'rabiscos' e a denunciam para a professora. Ela, Raíssa, me olha e diz: “ Eles sempre dizem isso, que eu não faço desenho certo”. Antes de eu lhe falar algo, Vitor se aproxima de Raíssa e fala: “Que legal a tua uva!”. Raíssa então me olha e diz: “Esse me entende, até que enfim!”(Registro de campo, 07 de abril de 2001)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto quando terá sido o óbvio”.

Caetano Veloso (Musica-Indíó)

Sarmento (2005), alerta que, sob o ponto de vista socioeducativo, sabe-se pouco das gerações mais jovens. A este respeito, acrescentaria que sabe-se menos ainda sobre as crianças e as infâncias que vivem em comunidades indígenas e quilombolas.

A escolha por investigar as relações que se estabelecem com as crianças, especialmente, mas não exclusivamente, em espaços educativos institucionalizados longínquos, caracteriza-se como escolha de um marco crucial, pois existe aí uma lacuna (o ponto de vista das crianças), uma vez que quanto menores são e mais vivem em comunidades periféricas, mais desconhecemos suas infâncias e mais desconsideramos as crianças como capazes de dizer de si mesmas. A busca por alterar tal quadro é, certamente, um dos maiores desafios da luta contra-hegemônica no campo da educação infantil e, por conseguinte, do processo de transição para um outro modelo de sociedade.

Digo isso porque, em minha perspectiva, na educação trabalhamos com um poderoso instrumento de luta social que é o “convencimento”. Nas concepções e práticas que permeiam esse campo expressam-se, certamente, as características das lutas pela reinvenção da emancipação social. É, portanto, de fundamental importância para a constituição de um movimento contra-hegemônico, compreender como se constituem, como operam e como se consolidam os mecanismos da hegemonia ocidental contemporânea em um campo tão significativo como o é a educação.

A idéia da pesquisa é cotejar a história da institucionalização das crianças no espaço-tempo das mudanças sociais e econômicas empreendidas pelo Projeto Cultural e Social da Modernidade até nossos dias, com as formas de ‘institucionalização’ das diferentes comunidades periféricas. Esse cotejamento se relaciona também com a idéia de identificar as possíveis regularidades existentes nos jeitos de viver a infância em comunidades quilombola, em uma comunidade indígena e em comunidades mais centrais; a fim de nos auxiliar a compreender como as diferentes infâncias se constituem e o que determina essa constituição.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Para esse mister, partimos do nosso grande ‘desconhecimento’ sobre as crianças e da hipótese de que toda tentativa de enquadrá-las em uma normatização com referências fixas aniquila nossa capacidade de enxergar outras possibilidades de pensar sobre os mundos infantis . Assumir, portanto, nossas incertezas é posicionarmos junto com as crianças e não aprisioná-las aos nossos modelos.

III. Justificativa

“(…)E minha sociologia , espero, não é aquela que apenas confirma o poder dos poderosos, a morte dos índios e a *emerdação* geral do mundo em que vivemos. Ao contrário, espero que, ao estudar o poder dos poderosos e os processos de extinção de sociedades tribais, seja capaz de descobrir e inventar as brechas pelas quais a luz do futuro possa penetrar. E também o ar onde sopra o vento da madrugada de uma sociologia comparada aberta, que sabe arriscar-se e reconhecer que o mundo social é antes de mais nada humano e dotado de múltiplas determinações.” (DAMATTA, 1997, p.89)

Parto da perspectiva de que os pressupostos da modernidade estabelecem uma visão de mundo eurocêntrica, hierarquizando, a priori, valores, saberes e práticas que passam a funcionar como “referência universal” a respeito daquilo que deve ser considerado como “certo”, “verdadeiro” e “eficaz”. Essa referência significa que os valores, saberes e práticas, oriundos da experiência cultural de outros espaços que não sejam o ocidental (espaços colonizados), só têm validade quando reproduzem ou quando se submetem às diretivas do colonizador.

Refletindo sobre a trajetória da Modernidade interessei-me por iniciar uma investigação sobre como poderiam, em um cenário como esse (periférico em relação a centralidade moderna), avesso a outras raízes e referências, constituírem-se espaços de resistência e de participação social. Como seria possível cultivar os espaços das energias emancipatórias no interior de tal processo de colonização?

Logo, parto da idéia de que temos a necessidade de aprender com essa “(…) humanidade insurgente advinda das bordas da ordem jurídica hegemônica que confronta, denuncia, reivindica, torna visível o que estava encoberto pelo suposto direito universal.”(LEITE, 2008, p, 96).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Colocamos, portanto, para esta pesquisa de doutorado, o desafio de criar uma inteligibilidade nessa interlocução com as crianças, especialmente com aquelas que vivem em tais contextos “periféricos”. Inteligibilidade que nos permita *traduzir* as necessidades infantis, como as crianças as vêem, e, portanto, permita-nos lutar para que tais especificidades sejam, um dia, consideradas na constituição dos processos sociais que determinam a vida dessas crianças. Sem ter a ingenuidade de pensar que tal luta seja conduzida sozinha pelo campo da educação, tenho, contudo, a firme convicção de que há nele um imprescindível coadjuvante. Nesse sentido, a investigação que venho delineando, pretende ampliar esse esforço de compreensão através da busca dos nexos entre a institucionalização da infância e a *tradução* dessa institucionalização, tanto no âmbito da educação institucionalizada, bem como no âmbito das comunidades em que essas instituições estão próximas ou se inserem.

Tomar as crianças como mote para o desenvolvimento da presente proposta de pesquisa apóia-se também no reconhecimento do potencial renovador das relações estabelecidas com estes sujeitos crianças, na contramão de práticas sociais que colocam as crianças a sofrer as mesmas mazelas de *silenciamento* de outros grupos e extratos sociais, especialmente quando se trata de definir o que é melhor para elas, pois são consideradas não competentes para interferir sobre seu destino.

Mas como articular práticas sociais nessa direção?

IV. “Índia? Tu fala com ela?”⁴ Arriscando expor expectativas

Minha primeira resposta indica a necessidade imperiosa de constituir um forte movimento contra tal visão centrada na desigualdade, na discriminação e no total desconhecimento. Aponta para uma reflexão que desconstrua determinadas “certezas” construídas em torno do projeto da Modernidade e busque estruturar uma prática social reinventada a partir do reconhecimento do outro como igualmente potente e igualmente produtor de saberes e práticas, quiçá diversos daqueles produzidos pela ciência Moderna, mas nem por isso descartáveis. Em outras palavras, vejo como necessário

⁴ Reação de espanto de uma criança de 5 anos a minha resposta quando me pergunta sobre o colar de sementes que eu estava usando. Respondi que havia ganhado de uma índia, amiga minha.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

colocar em movimento nossa capacidade intelectual e nossas energias fundamentais para gerar alternativas para além daquelas já experimentadas pelo projeto da Modernidade. Parto então do princípio que precisamos desvelar outras realidades para além daquelas que então se constituíram como visíveis na trajetória da Modernidade.

Compreender os aspectos acima expostos transcendendo a mera constatação teórica e empírica exige apontar novas perspectivas, sem contudo simplificar o que não é simplificável. Começo, pois, pela nossa ignorância: O que falar das infâncias indígenas ou quilombolas se pouco ou nada se conhece sobre elas? O que sabemos nós sobre os quilombos além de uma representação estereotipada e imposta pela história dominante? O que sabemos sobre as comunidades indígenas e de como as crianças são vistas e ouvidas nestes espaços? Esses são universos distantes, se não no aspecto geográfico ou físico, mas, sobretudo, no aspecto cultural e simbólico, pois nos parecem isoladas e excluídas da sociedade de uma maneira geral. Essa tentativa de isolamento e invisibilidade não nos parece obra do acaso. Acostumou-se a pensar (quando se pensa) sobre elas remetendo-as a uma condição de subalternidade e de vitimização. São marginalizadas porque não se enquadram nas referências conhecidas, logo, não se atribui legitimidade às suas ações. Perpetuam-se estereótipos negativos que obstam a compreensão pelos adultos de como as crianças são, de fato, em seus universos de vida. Ao simplificarem-se as discussões, insiste-se em não reconhecer as crianças como competentes para dizer de si.

V. Necessidade de aproximação às crianças

Estudar as crianças – para que? Eis a nossa resposta: para descobrir mais. Descobrir sempre mais, porque, se o não fizermos, alguém acabará por inventar. De facto, provavelmente já alguém começou a inventar, e o que é inventado afecta a vida das crianças; afecta o modo como as crianças são vistas e as decisões que se tomam a seu respeito. O que é descoberto desafia as imagens dominantes. O que é inventado perpetua-as. (GRAUE E WALHS 2003, p.12)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Para a realização desta pesquisa defini como eixo teórico e metodológico um enfoque orientado pelas contribuições advindas da Antropologia da Criança e da Sociologia da Infância na tentativa de captar, descrever, compreender e interpretar as situações investigadas, entendendo que isto só é possível a partir de uma inserção sistemática da pesquisadora nos diferentes espaços-tempo recortados para a observação.

Tenho partido da constatação levantada nas evidências históricas da trajetória da Modernidade que caracterizam um campo de ausências e de silêncios marcados pela concepção de mundo hegemônico em tal projeto social e cultural. Busco trazer como contraponto a essa concepção hegemônica as marcas, as práticas, os discursos desses grupos silenciados. Assim, privilegio a aproximação com os grupos situados na 'periferia' do sistema capitalista do sistema moderno: no recorte geracional, as crianças; no recorte espacial, grupos indígenas e quilombolas

Busco realizar uma cartografia mais ampla dos espaços em que as crianças, indígenas e quilombolas, estão inseridas como forma de compreender nexos poucos explorados em sua educação. Compreender, nessas comunidades, quais práticas sociais e culturais são estabelecidas com as crianças e qual a participação delas nos espaços coletivos com o intuito de qualificar a investigação das relações que são empreendidas com as crianças nos espaços educativos.

Para tanto, entro em campo já com um conjunto de questões ativadas pelos estudos preliminares que realizei acerca do assunto. São elas: Qual a contribuição dos modos de vida, das visões de mundo, enfim, da cultura quilombola e indígena, para a diversidade cultural que compõem os diferentes espaços da educação infantil? Quais traços da cultura tradicional desses grupos são guardados e expressos pelas crianças de cada um deles? Será que nas propostas educacionais das instituições de educação coletiva de comunidades mais periféricas subsistem os mesmos nexos identificados nas instituições mais centrais? Quais as formas de participação das crianças nesses espaços?

Todas essas indagações, para as quais ainda não tenho respostas do campo empírico, convergem para o centro da problematização e do desejo de pesquisar que move meus interesses.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Referências

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GRAUE, Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gubbnkian, 2003.

LEITE, Ilka Boaventura. **Humanidades insurgentes**: conflitos e criminalização dos quilombos. In: RIFIOTIS, Theophilos; RODRIGUES, Tiago (orgs). Educação em Direitos Humanos: discursos críticos e temas contemporâneos. Fpolis:UFSC,2008.

LOPES da SILVA, Aracy; MACEDO, Ana vera Lopes da Silva; NUNES, Ângela (Orgs.). **Crianças indígenas, ensaios antropológicos**. São Paulo: Mari/Fapesp/Global, 2002b.

PROUT, Alan. **Reconsiderar a Nova Sociologia da Infância**: para um estudo interdisciplinar das crianças. Texto Mimeo. Ciclo de Conferência em Sociologia da Infância, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 200

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. In: **Educação & Sociedade**. Revista de Ciência da Educação. Sociologia da Infância: pesquisas com Crianças. v. 26, Maio/Ago. 2005.